



Reunião Brasileira de Antropologia

SABERES INSUBMISSOS:
DIFERENÇAS E DIREITOS
RIO 2020



Notas etnográficas sobre corpo, gestação e parto de mulheres jovens em Marcelino Vieira/RN

Autora: Marina Luzia Cesário de Queiros | queirosmlc12@gmail.com

Orientadora: Ednalva Maciel Neves | ednmneves@gmail.com

Notas introdutórias:

Este trabalho trata sobre corporalidade e mulheres, pensando por meio da experiência da gravidez a partir de um trabalho de campo realizado no município de Marcelino Vieira/RN. O ponto a se enfatizar é o controle social sobre os corpos femininos, tidos como objetos e passíveis de intervenção no processo de maternidade, em particular na idealização do ser mãe enquanto vocação natural da mulher.

Metodologia:

Foram realizadas 05 entrevistas etnográficas com mães entre 17 e 22 anos, no município de Marcelino Vieira/RN. O roteiro de entrevista interrogava sobre a percepção das mulheres para com seus corpos, privilegiando as mudanças corporais no antes, durante e após a gestação/parto.

Resultados:

As interlocutoras têm em média 19 anos e se tornaram mães pela primeira vez entre 16 e 18 anos, todas têm apenas um filho com exceção de uma que tem dois. Nos dados recenseados, as mulheres alegam que a gestação trouxe mudanças no corpo e que essas alteram suas relações consigo mesmo. A partir disso, podemos considera como resultado que os cuidados com o corpo mudam durante e depois a gestação. Assim, voltar a se sentir confortável e retomar os cuidados com o corpo torna-se um processo gradual que envolve acostumar-se com as mudanças ocorridas. Com relação ao parto, as mulheres relataram que desejavam inicialmente o parto normal, apenas uma havia decidido pelo parto cirúrgico, mas mudaram por

recomendação médica, o que levou todas a terem um parto cirúrgico. Elas descrevem o parto repleto de experiências negativas, que estão associadas às sensações corporais, em particular, a angústia e medo de morrer, atribuídas à falta de informação e cuidado dos profissionais de saúde. A cicatriz do parto é para uma delas uma marca de “realização”, enquanto para as outras motiva sentimentos variados, desde emoções ruins à baixa autoestima.

Notas de conclusão:

É perceptível que a gravidez realiza transformações nos corpos femininos, tanto físico quanto na percepção de si e das cobranças sociais, mostrando assim que a maternidade romantizada e ligada à reprodução/gênero não condiz com a experiência das mulheres, visto que é permeada por sofrimentos, imposições médicas e arrependimentos.

Referências:

MALUF, Sônia Weidner. Corpo e corporalidade nas culturas contemporâneas: abordagens antropológicas. **Esboços: histórias em contextos globais**, 2001.

MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo [1924]. **MAUSS, Marcel. Sociologia e antropologia**. São Paulo: Edusp, v. 2, 1950.

RABINOW, Paul; ROSE, Nikolas. O conceito de biopoder hoje. **Política & Trabalho**, v. 24, p. 27-57, 2006.

REZENDE, Claudia Barcellos. Emoção, corpo e moral em grupos de gestante. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 11, n. 33, p. 830-849, 2012.